

Capa: Fernando Cornacchia
Foto de capa: Rennato Testa
Coordenação: Beatriz Marchesini
Diagramação: DPG Ltda.
Copidesque: Lúcia Helena Lahoz Morelli
Revisão: Ana Carolina Freitas
Maria Lúcia A. Maier, Solange F. Penteadó

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Técnicas de ensino: Novos tempos, novas configurações / Ilma Passos Alencastro Veiga (org.). – Campinas, SP: Papyrus, 2006 – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 85-308-0814-2

1. Ensino 2. Prática de ensino 3. Professores – Formação profissional I. Veiga, Ilma Passos Alencastro. II. Série.

06-6131

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Docência: Aprendizagem: Educação 370.71
2. Docência: Desenvolvimento profissional: Educação 370.71
3. Professores: Desenvolvimento profissional: Educação 370.71

Proibida a reprodução total ou parcial
da obra de acordo com a lei 9.610/98.
Editora afiliada à Associação Brasileira
dos Direitos Reprográficos (ABDR).

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:
© M.R. Cornacchia Livraria e Editora Ltda. – Papyrus Editora
Fone/fax: (19) 3272-4500 – Campinas – São Paulo – Brasil
E-mail: editora@papyrus.com.br -- www.papyrus.com.br

PROJETO DE AÇÃO DIDÁTICA:
UMA TÉCNICA DE ENSINO PARA INOVAR A SALA DE AULA

Ilma Passos Alencastro Veiga

Para início de diálogo

Nos últimos anos, a pedagogia de projeto vem sendo revisitada por vários autores como Jolibert (1994), Hernández e Ventura (1998), Leite (1996), Machado (2000), Barbosa (2001), Behrens e José (2001). Dos autores citados, os cinco últimos são estudiosos e pesquisadores brasileiros que têm contribuído para a reconfiguração da idéia de projeto no bojo do enfoque integrado e global do conhecimento.

Certamente muitos artigos já foram escritos sobre o projeto de trabalho na sala de aula, com base em experiências vividas e divulgadas por diferentes meios.

Por meio das observações realizadas em sala de aula, tanto da escola básica quanto em cursos de graduação, pude compreender a relevância do projeto de trabalho como uma técnica didática centrada na produção do conhecimento. O projeto parte da experiência sociocultural do aluno e dos

conteúdos curriculares. Centrado no aluno e com uma preocupação em criar e produzir inovação, ele se baseia em problemas ligados à realidade social. Esses são os eixos norteadores deste capítulo.

Projeto de ação didática: Buscando novos fundamentos

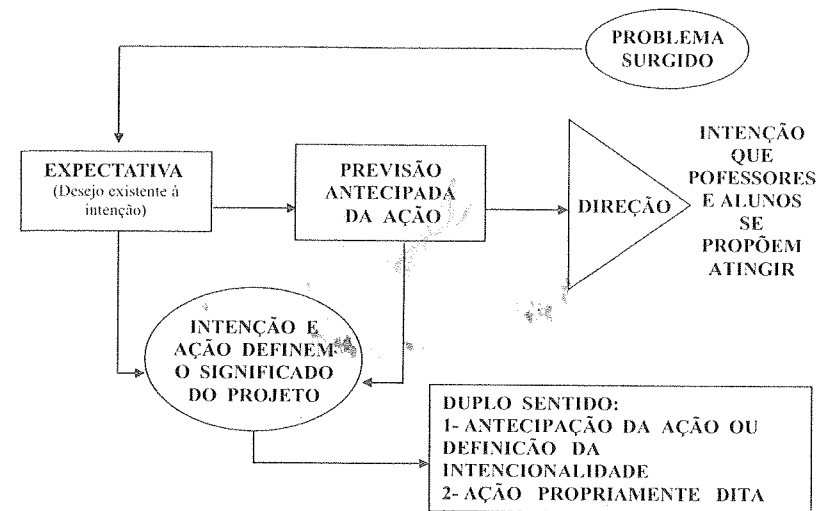
O termo *projeto* aparece com muita frequência na literatura pedagógica. Ao explorar o conceito de projeto e sua extensão atual, constatei sua frequência de utilização associada a termos diversos: projeto de sociedade, projeto de vida, projeto econômico, projeto arquitetônico, projeto pedagógico. Ouve-se, também, falar muito de pedagogia ativa, pedagogia diferenciada, pedagogia de contrato, e, hoje, pedagogia de projeto, método de projeto, trabalho de projeto, projeto de trabalho.

De qualquer forma, apesar de sua visível polissemia, emprego o termo projeto voltado para a ação didática permeada por uma intenção. Projeto de ação didática é algo que se situa na interface da expectativa e da intervenção. Como afirma Cortesão: “Projeto é assim o resultado da tensão decorrente da necessidade do problema surgido, do desejo existente e da previsão, estruturação antecipada da ação. É como um comprometimento entre a reflexão necessária e a ação desejada” (1993, p. 81).

Da afirmação de Cortesão ressaltou três aspectos importantes: o projeto decorre da necessidade do problema surgido, do desejo existente e da previsão e da estruturação antecipada de ação. Isso significa a passagem do desejo à intenção e da intenção à ação. É, portanto, uma atividade permeada por intencionalidade na qual o aluno adquire e produz conhecimentos, resolve problemas que o preocupam, autênticos ou simulados da vida real.

O sentido de um projeto de ação didática pode definir-se por sua direção, pela intenção que professor e alunos se propõem atingir. Intenção e ação definem o significado do projeto, em duplo sentido: o da antecipação da ação que define a intencionalidade e o da ação propriamente dita. O projeto reflete uma determinada postura pedagógica ao delinear intenções e ações a serem desenvolvidas. A Figura 1, a seguir, sintetiza a concepção.

PROJETO DE AÇÃO DIDÁTICA



O projeto de ação didática surge como uma resposta, como uma nova postura pedagógica para dar conta do desafio de compreender o sentido da escola, da sala de aula, hoje, para a formação das novas gerações.

As origens do projeto de ação didática

A reflexão em torno do projeto não é nova. Ela surge da proposta apresentada nos anos de 1915 a 1920, por J. Dewey (1916) e W.H. Kilpatrick (1918), defensores do ensino por meio de projetos. No Brasil, a idéia de pedagogia de projeto foi introduzida pelo movimento da Escola Nova.

O movimento escolanovista, ao fazer a crítica à escola tradicional, repensa a educação e a implementa em algumas escolas experimentais, visto que aquela não consegue assegurar a hegemonia burguesa e atender às exigências do progresso econômico e político. Boutinet (2002, p. 18) explicita que “Dewey e Kilpatrick tentaram opor à pedagogia tradicional, que se revelava muito onerosa em relação aos ganhos obtidos, uma pedagogia progressista, também chamada de pedagogia aberta, na qual o aluno se

tornava ator de sua formação através de aprendizagens concretas e significativas para ele”.

A Escola Nova preconizava a solução dos problemas educacionais na perspectiva interna da escola, sem considerar o contexto social, político e econômico. A ênfase recai no ensinar bem. O problema escolar passa a ser uma questão técnica. A Escola Nova transfere, portanto, a preocupação dos objetivos e conteúdos para os métodos ativos e da quantidade para a qualidade.

Os métodos ativos passaram a ser orientados pelos princípios da individualização, da liberdade, da espontaneidade e, principalmente, da atividade em que “aprender fazendo” e “aprender a aprender” estão sempre presentes. Os passos dos métodos ativos são os mesmos do processo de pesquisa, quais sejam: determinação do problema, levantamento de informações, confirmação ou rejeição das hipóteses formuladas.

A característica mais marcante do escolanovismo é a valorização da criança, vista como “ser dotado de poderes individuais, cuja liberdade, iniciativa, autonomia e interesse devem ser respeitados” (Veiga 2005, p. 50). A proposta é orientada pelo princípio de aprender fazendo, e não de aprender escutando. O método ativo é fundado nas ocupações do aluno e na formação cognitiva pela experiência vivenciada. Para tanto, o aluno deve construir projetos. Para Saínez (1931, p. 17), o método de projetos “representa este novo proceder em educação, um protesto contra o intelectualismo, o verbalismo e o memorismo que apagaram a curiosidade para tudo o que não for do livro, única fonte de verdade”.

A pedagogia de projetos continua sendo utilizada no sentido de “(...) ressignificar o espaço escolar, transformando-o em um espaço vivo de interações, aberto ao real e às suas múltiplas dimensões. O trabalho com projetos traz uma nova perspectiva para entendermos o processo ensino/aprendizagem” (Leite 1996, pp. 26-27).

A proposta foi se desenvolvendo e se reconfigurando ao longo dos anos e hoje é enriquecida pelos resultados de experiências e estudos que desenharam os trabalhos com projetos em uma outra perspectiva com ênfase em situações problematizadoras.

Projeto de ação didática: Características e funções

O projeto de ação didática, também conhecido por trabalho de projeto e pedagogia de projeto, é uma proposta de intervenção. É centrado no estudo dos problemas em seu contexto social e orientado pela dinâmica integradora e de síntese entre teoria e prática.

É uma das expressões da concepção globalizante do trabalho pedagógico que permite aos alunos analisar os problemas, as situações e os acontecimentos em um contexto e em sua globalidade (Hernández e Ventura 1998). Neste sentido, ao questionar a idéia de uma visão única de realidade, procura estabelecer conexões entre vários pontos de vista.

Para Cortesão (1993, p. 89), o trabalho com projeto “(...) é uma atividade intencional através da qual o ator social, tomando o problema que o interessa, produz conhecimentos, adquire atitudes e/ou resolve problemas que o preocupam através do estudo e do envolvimento numa questão autêntica ou simulada da vida real”.

Essa reflexão deixa claro que o projeto de ação didática é um processo intencional, pois pressupõe objetivos que dão unidade e sentido às várias atividades.

Os grandes traços que caracterizam um projeto de ação didática são sintetizados a seguir, conforme proposição de Legrand (1993):

- o objeto de estudo e a atividade que o põe em prática têm um valor afetivo para o aluno. O fundamental é o empenho voluntário do aluno;
- a atividade é assumida por todos os alunos e previamente discutida;
- a elaboração de um projeto dá lugar a uma antecipação coletiva e formal dos momentos de seu desenvolvimento e do objetivo a atingir;
- a coletividade está necessariamente presente como moderadora, informadora e avaliadora;

- a realização do projeto dá lugar a uma alternância de trabalho individual e negociação coletiva. A cooperação no grupo deve ser permanente, sem provocar confusão quanto às tarefas previamente decididas e distribuídas;
- o projeto deve ser posto em prática de maneira flexível. Uma programação rígida prevista desde o início e imposta pelo professor é o oposto de um projeto de ação didática;
- o papel do professor, no trabalho de projeto, é o de coordenador, intervindo a pedido dos grupos ou por sua iniciativa à medida que o trabalho avança;
- o projeto deve levar a uma produção com finalidade pedagógica e social e culminar com a apresentação do produto final para toda a classe.

Além desses traços característicos, inclui três outros:

- o trabalho com projeto envolve sempre a resolução de problemas, possibilitando a análise, a interpretação e a crítica por parte dos alunos;
- é o espaço de interação teoria-prática;
- em seu âmbito estão presentes as dimensões pedagógica, criativa e lúdica, tornando a sala de aula sinônimo de alegria, de curiosidade e de construção coletiva.

As características elencadas decorrem todas do traço fundamental que diz respeito ao valor afetivo do aluno em sua tarefa, ou seja, a situação de aprendizagem pessoal que é criada ou não. Legrand (*idem*, p. 37) indica três importantes vetores dessa situação: “o interesse espontâneo pela tarefa; a necessidade de socialização (ser reconhecido pelos outros); agir com e sobre os outros”.

O projeto de ação didática contém características próprias e resulta da necessidade de articular, de forma coerente, um esquema que incorpore a intervenção de um grupo de professores com diferentes formações,

experiências e saberes – suportes para o trabalho interdisciplinar. Essa proposta tem como finalidade determinar quando há de agir neste ou naquele sentido – sucessão de ações; o que há a fazer – conteúdo das ações; e como fazer, que meios, que técnicas utilizar – processo. Envolve, portanto, trabalho de pesquisa, tempo de planejamento e intervenção didática com a finalidade de responder a problemas encontrados, questões consideradas de interesse pelo grupo e com enfoque social. Envolve, ainda, uma permanente interação teoria/prática e considera os recursos e limitações existentes.

Outro ponto importante sobre o projeto de ação didática diz respeito a suas principais funções. Bru e Not (1993) definiram cinco funções em graus de importância variáveis. Essas funções podem ser configuradas da seguinte forma:

- função econômica e de produção – está ligada à vigilância e ao rigor na gestão do tempo e dos recursos materiais e humanos;
- função terapêutica – não é concebida como remédio milagroso. Permite aos alunos empenharem-se numa atividade de duplo significado: o de construir o sentido de seus atos e favorecer a tomada de consciência necessária ao empenho social e profissional;
- função didática – procura meios e informações ao longo da realização do projeto, tendo em vista os fins a serem atingidos;
- função social e de mediação – significa o meio de reconhecer os outros e de ser reconhecido por eles;
- função política – diz respeito à formação do cidadão, numa perspectiva de formação ativa na vida pública. É a oportunidade para desenvolver atitudes de negociação e de cooperação, de responsabilidade individual e coletiva. Formar pessoas para o exercício da autonomia.

Essas cinco funções, em princípio, estão simultaneamente presentes. É importante lembrar que há necessidade de evitar as armadilhas do reducionismo, procurando meios de regular as relações entre as diferentes funções que se apresentam, ao mesmo tempo, como correntes e comple-

mentares. Bru e Not (*idem*) explicitaram as conseqüências provocadas pelos reducionismos:

É uma função de caráter *pragmático* quando a função econômica e de produção suplanta as outras; estamos perante o *didatismo*, quando o projeto é uma forma desviada de tratar todos os conteúdos do programa; trata-se de uma redução *sociopedagógica* quando, sob o pretexto de treino para a atividade coletiva, se dá a primazia ao trabalho de grupo; surgem *confusão* e *dispersão* quando a abertura social é constantemente procurada por si própria; enfim, existe *complacência* quando, tendo feito a escolha da pedagogia de projeto para suscitar a motivação dos alunos, se acaba por preservar esta motivação, aceitando as mudanças de escolha e de orientação, sem procurar regulá-las. (p. 164; grifos meus)

Cabe ressaltar que o projeto de ação didática é uma orientação de muita complexidade. Não é um método, uma pedagogia ou uma fórmula didática baseada numa série de etapas. Essas considerações podem servir como um início para refletir sobre o significado que o projeto da ação didática tem em relação à educação dos cidadãos. O projeto inscreve-se nesse processo e é visto como um meio para professores lutarem contra o insucesso escolar ou para reinventarem a prática pedagógica em direção ao sucesso de um novo projeto educativo (Weber 1993).

Princípios fundamentais do projeto de ação didática

Ensinar, aprender, pesquisar e avaliar por meio do projeto de ação didática centrada em problemas desenvolvidos por grupos de alunos, orientados por professores, introduz uma dinâmica nova na sala de aula. O projeto de ação didática desenvolve capacidades de pesquisa na medida em que incita a observar, a recorrer às técnicas diversificadas – entrevista, questionário, consulta documental, trabalho em grupo, exposição dialogada, observação, visitas – para analisar a realidade de forma globalizada, assim como levantar indagações, desenvolver estratégias, produzir conhecimentos, descobrir, inventar...

É uma técnica de intervenção didática. Trabalhar com projeto é uma maneira de organizar o processo didático. Trata-se de uma escolha didática.

Não se pode falar propriamente em projeto se não estiverem explicitados seus princípios fundamentais.

O primeiro princípio gira em torno da *globalização* como forma de organizar os saberes escolares, no sentido de *reduzir o processo de compartimentação disciplinar*. A globalização não pode ser entendida como *somatório de disciplinas* em que é o professor ou a situação que reclama e estabelece as conexões disciplinares. A globalização não se reduz à soma de informação disciplinar, ainda que gire em torno de um enunciado comum. O peso da tarefa recai nos diferentes professores. A globalização, pela ótica de Hernández e Ventura (1998, p. 56), “*implica a possibilidade de que os alunos possam estabelecer inferências e relações por si mesmos, enquanto geralmente a interdisciplinaridade responde à atitude organizativa de quem ensina. A questão está em como tornar coincidentes ambos os enfoques*”. Essa visão procura superar o sentido de acumulação de saberes em torno de um tema. É uma perspectiva de globalização que toma o tema ou problema abordado em sala de aula “*como fator no qual confluem os conhecimentos que respondam às necessidades de relação que o aluno pode estabelecer e o docente vá interpretar*” (*idem*, p. 58). Isso exige do professor uma atitude de flexibilidade diante da descoberta dos conhecimentos que vão compondo as indagações e respostas dos alunos. O projeto pode organizar-se por meio de diferentes eixos: a definição de um conceito, um problema geral ou específico, um conjunto de questões inter-relacionadas, uma temática atual e de relevância. Para os autores, a globalização é um processo muito mais interno do que externo, no qual “*as relações entre conteúdos e áreas de conhecimento têm lugar em função das necessidades que traz consigo o fato de resolver uma série de problemas que subjazem na aprendizagem*” (*idem*, p. 63). Esse é um princípio fundamental do projeto de ação didática.

O segundo princípio indica que os estudos devem *centrar-se em problemas*, isto é, devem partir das necessidades dos estudantes e *organizarem-se em forma de projetos* que também devem ser geridos pelos participantes. O trabalho centrado em problemas favorece a interdisciplinaridade, uma vez que as fronteiras entre as disciplinas se reduzem e são quase que invisíveis.

O terceiro princípio enfatiza o projeto como uma atividade de índole investigativa por meio da qual se consegue produzir conhecimento e ao mesmo tempo representa uma intervenção com vista à resolução de problemas reais.

O quarto princípio ressalta a inovação como um processo que surge do próprio contexto de reflexão e de discussão pedagógica e se fundamenta no trabalho coletivo. Esse tipo de inovação “procura maior comunicação e diálogo com os saberes locais e com os diferentes atores e realiza-se em um contexto que é histórico e social, porque humano” (Veiga 2003, p. 274). A inovação pressupõe uma ruptura que, acima de tudo, predisponha as pessoas e as instituições para a indagação e para a emancipação.

O quinto princípio diz respeito ao caráter coletivo e integrador do projeto. Este, quando elaborado, executado e avaliado conjuntamente, requer o desenvolvimento de um clima de confiança que favoreça a colaboração, a negociação. Na esteira desse princípio, o projeto de ação didática integra atividades dispersas, busca novas soluções para os problemas detectados, mobiliza os protagonistas para a explicitação de objetivos comuns, definindo o norte das ações a serem desencadeadas. Isso significa “fortalecer a construção de uma coerência comum, mas indispensável, para que a ação coletiva produza seus efeitos” (*idem*, p. 275). Possibilita a construção da vida colaborativa da sala de aula, permitindo ao grupo: organizar e gerir seu espaço, seu tempo; construir o sentido da atividade tanto para o aluno quanto para o professor; viver as alegrias, os entusiasmos e os conflitos com as experiências; enfim, participar, propor, argumentar, defender idéias, tomar decisões.

O sexto princípio é o de que o projeto é uma ação, uma antecipação da ação didática, que deve ser realizada pelos sujeitos: aluno e professor. O projeto de ação didática é centrado no aluno, que é protagonista da ação.

Momentos do processo de planejamento do projeto de ação didática

Um dos aspectos que me parece importante ressaltar é que o projeto de ação didática não pode ser empregado de forma generalizada, e muito menos sem observar os momentos de seu *processo de planejamento* – que não é linear, fixo, nem sequer definitivo. Em linhas gerais, apresento os

momentos desse processo no sentido de delinear o caminho a ser percorrido por professores e alunos. Um caminho que pode transitar por diferentes trilhas ou seguir diversas formas de interação e de intervenção.

A experiência tem sinalizado que o projeto de ação didática se estrutura em três momentos sem fronteiras definidas, em que cada um desenvolve as estratégias da abordagem dos problemas. Os momentos são: a) identificação ou problematização; b) desenvolvimento ou trabalho de campo; c) globalização, síntese e avaliação final. Esses três momentos mantêm relações de interdependência e refletem propósitos, experiências, valores e interesses, devendo ser levados em consideração ao longo do processo de planejamento. A avaliação perpassa os três momentos do processo. Vista como ação fundamental para a garantia do êxito do projeto, ela é considerada parte integrante de seu processo de planejamento: problematização, desenvolvimento e síntese.

O primeiro momento é o da identificação ou problematização. É o ponto de partida e diz respeito a como surge o projeto e, principalmente, a quem propõe o problema ou tema. Leite (1996, p. 31) considera que essa questão propicia posições diferenciadas. Para a autora, “(...) alguns profissionais defendem a posição de que o projeto deve partir, necessariamente, dos alunos, pois, senão, ele seria imposto. Outros defendem a idéia de que os temas devem ser propostos pelo professor, de acordo com a sua intenção educativa, pois, de outra forma, se cairia em uma postura espontaneísta”.

É preciso ficar claro que o ponto central do projeto de ação didática é o envolvimento de todo o grupo no estudo de problemas ou de temáticas em seu contexto social. Portanto, esse momento é para formular o problema com seus desdobramentos em questões específicas, mais objetivas e claras. Escolher o tema ou problema implica definir critérios de relevância, como: proceder de uma experiência comum; originar-se de um problema proposto pelos alunos ou sugerido pelo professor; emergir de uma questão que ficou pendente em outro projeto, entre outros.

Nesse momento de problematização, o professor faz uma análise das necessidades, detecta os conhecimentos que os alunos já têm e os que ainda não têm sobre o problema ou tema, levanta as expectativas e define conjuntamente os objetivos do projeto. Convém ainda estabelecer uma série

de hipóteses/indagações que devem ser respondidas; especificar o fio condutor do projeto para além dos aspectos informativos e instrumentais; selecionar e organizar os conteúdos, atividades e fontes de informação, bem como fazer uma previsão dos recursos didáticos e tecnológicos necessários ao desenvolvimento do projeto e adequar a proposta de avaliação aos pressupostos do projeto de ação didática.

Ainda nesse momento de preparo do projeto as atividades giram em torno da distribuição de papéis, da definição da dinâmica de trabalho, a fim de atender às intencionalidades do projeto, e da fixação dos tempos e espaços da ação prática e da reflexão teórica.

O segundo momento é o de desenvolvimento ou trabalho de campo, que implica a coleta de dados quer na realidade envolvente, quer no âmbito técnico, no contexto sociopolítico, cultural e institucional. O tratamento dos dados colhidos compreende seu mapeamento e sua organização, além da leitura, da análise e da discussão das questões trabalhadas. Esse momento é constituído por múltiplas ações interligadas, e o que resulta de cada uma delas é a sistematização do produto a ser registrado no relatório final. A avaliação percorre todo o processo, constituindo um movimento importante de revisão desse processo, de correção de desvios. Isso significa desenvolver o projeto sobre a base de um processo avaliativo e de auto-avaliação.

Algo muito importante que ocorre é que todos esses aprendizados criam um clima de envolvimento e interesse no grupo. Na busca de novos encaminhamentos, o momento de desenvolvimento estimula a criação de formas de organização do conhecimento quanto ao tratamento das informações coletadas e à relação entre os diferentes conteúdos curriculares em torno de problemas. Os conteúdos curriculares são vistos como instrumentos necessários para compreensão e intervenção da realidade estudada em um contexto que lhes dá sentido. No projeto de ação didática, entrelaçam-se, de forma significativa, o conhecimento social e o processo individual dos alunos, permitindo uma avaliação contínua da aprendizagem.

Não há uma fórmula pronta de como desenvolver projetos em sala de aula, mas sim uma postura coerente na forma de compreender e vivenciar a experiência escolar. O projeto de ação didática é interativo quando coloca o aluno e o professor, cada um deles na situação de sujeito, no centro de iniciativas e de ações.

3 O último momento do processo de planejamento do projeto de ação didática é iluminado pelas novas aprendizagens e os novos conhecimentos produzidos coletivamente, pelas atitudes desenvolvidas, pelos procedimentos adquiridos, pelo surgimento de novos problemas a serem resolvidos e pela globalização das produções dos diferentes grupos de formas diversificadas: exposição oral, círculo de debates, seminários, dramatizações, filmes, vídeos, cartazes, gravuras, textos, relatórios etc. Esse é o ponto de culminância, de síntese e de socialização do produto final. A avaliação que foi realizada ao longo do processo, de cunho formativo, assume no final do projeto sua função somativa. Para Halté (1993), “a avaliação é globalizante – avaliação do produto final – e vai desencadear a conscientização de novas questões, de novos problemas, mostrando assim que o processo é aberto, crescente...” (p. 76). Realizar a avaliação globalizante do projeto de ação didática envolve uma análise quanto às circunstâncias do trabalho; à pertinência do percurso; à relação entre previsão e realização; às intervenções pedagógicas durante a execução; aos critérios e procedimentos utilizados em cada momento de avaliação; ao produto final e às possibilidades de gerar novos problemas. Compete ao professor provocar comentários sobre o desempenho geral do grupo, suas reações, seus sentimentos e o impacto do projeto no trabalho educativo.

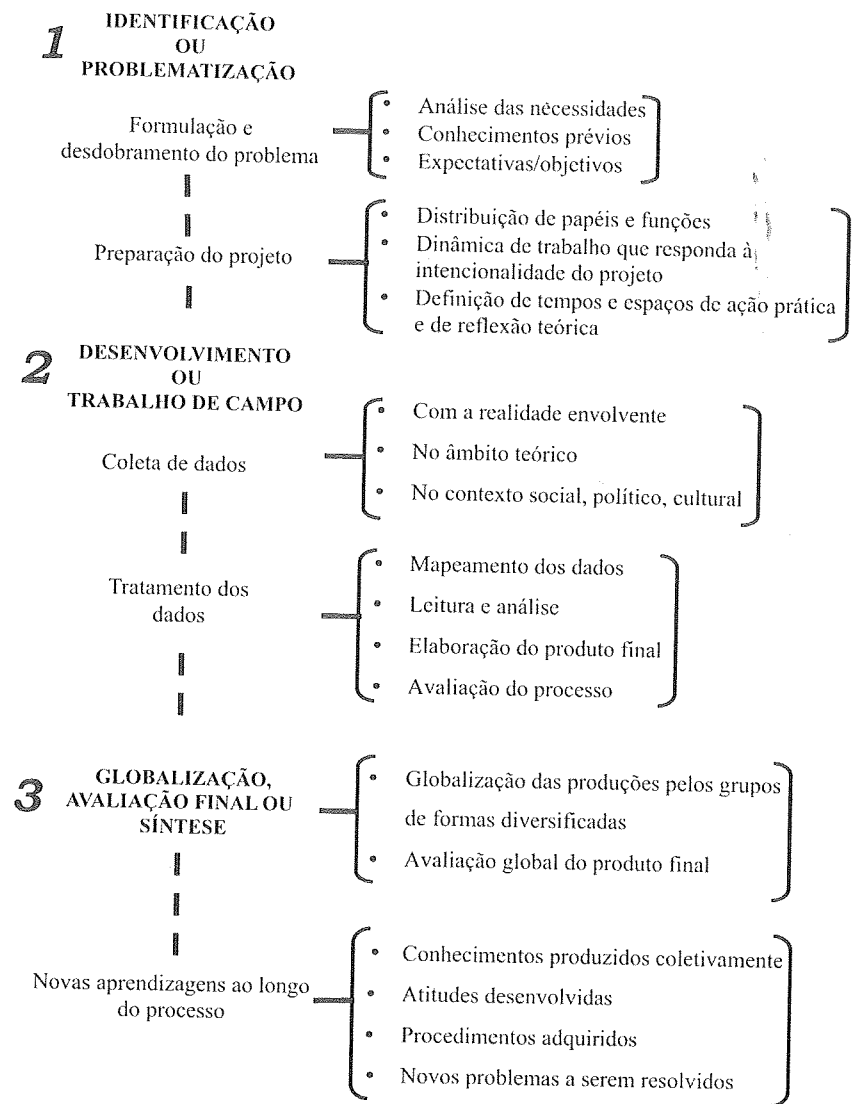
Para visualizar os três momentos do processo de planejamento do projeto de ação didática e para compreender os nexos de relacionamento existentes, apresento a Figura 2, a seguir, baseada em Halté (1993) e Leite (1996).

Para encerrar...

O processo didático desenvolvido por meio de projetos ajuda professores e alunos a encontrar na escola um lugar para aprender, pesquisar e avaliar.

O projeto de ação didática aborda o conhecimento de forma globalizada e delineia um currículo integrado, baseado em problemas e temas emergentes, que valoriza a função política da instituição escolar e o papel intelectual público do professor (Hernández 2001).

MOMENTOS DO PROCESSO DE PLANEJAMENTO DO PROJETO DE AÇÃO DIDÁTICA



Referências bibliográficas

- BARBOSA, M.C.S. (2001). "Por que voltam a falar e trabalhar com a pedagogia de projetos?". *Revista de Educação: Projeto de trabalho*, vol. 3, nº 4. Porto Alegre.
- BEHRENS, M.A. e JOSÉ, E.M.A. (2001). "Aprendizagem por projetos e os contratos didáticos". *Revista Diálogo Educacional*, vol. 2, nº 3. Curitiba: Champagnat, jan./jun.
- BOUTINET, J.P. (2002). *Antropologia do projeto*. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- BRU, M. e NOT, L. (1993). "Algumas possíveis orientações para a pedagogia de projeto". In: LEITE, E.; MALPIQUE, M. e SANTOS, M.R. dos. *Trabalho de projeto*, 2. 3ª ed. Porto: Afrontamento. Leituras Comentadas.
- CANÁRIO, R. (1993). "Projeto Eco – Arronches: Para uma estratégia de formação contínua de professores". In: LEITE, E.; MALPIQUE, M. e SANTOS, M.R. dos. *Trabalho de projeto*, 2. 3ª ed. Porto: Afrontamento. Leituras Comentadas.
- CORTESÃO, L. (1993). "Projecto, interface de expectativa e de intervenção". In: LEITE, E.; MALPIQUE, M. e SANTOS, M.R. dos. *Trabalho de projeto*, 2. 3ª ed. Porto: Afrontamento. Leituras Comentadas.
- HALTÉ, I.F. (1993). "Aprender de outra maneira na escola". In: LEITE, E.; MALPIQUE, M. e SANTOS, M.R. dos. *Trabalho de projeto*, 2. 3ª ed. Porto: Afrontamento. Leituras Comentadas.
- HERNÁNDEZ, F. (2001). "Projeto de trabalho: Um mapa para navegantes em mares de incerteza". *Revista de Educação: Projeto de trabalho*, vol. 3, nº 4. Porto Alegre.
- HERNÁNDEZ, F. e VENTURA, M. (1998). *A organização do currículo por projetos de trabalho: O conhecimento é um caleidoscópio*. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- JOLIBERT, J. (1994). *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre: Artmed.
- LEGRAND, L. (1993). "A pedagogia de projeto". In: LEITE, E.; MALPIQUE, M. e SANTOS, M.R. dos. *Trabalho de projeto*, 2. 3ª ed. Porto: Afrontamento. Leituras Comentadas.

- LEITE, L.H.A. (1996). "Pedagogia de projetos". *Revista Presença Pedagógica*, vol. 2, nº 8. Belo Horizonte, mar./abr.
- MACHADO, N.J. (2000). *Educação: Projetos e valores*. São Paulo: Escrituras.
- SAÍNZ, F. (1931). "El método de proyectos". *Revista de Pedagogía*, 2 vols. Madri.
- VEIGA, I.P.A. (2005). *A prática pedagógica do professor de didática*. 9ª ed. Campinas: Papirus.
- WEBER, Anita (1993). "A propósito da pedagogia de projecto". In: LEITE, E.; MALPIQUE, M. e SANTOS, M.R. dos. *Trabalho de projecto*, 2. 3ª ed. Porto: Afrontamento. Leituras Comentadas.